

SIMPÓSIO AT107

SEMÂNTICA E PRAGMÁTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

CONEXÕES E SENTIDO: ANALISANDO OS CONECTIVOS E SEU PAPEL NO PENSAMENTO, FALA E ESCRITA

Gabriel Gomes (CPCX/UFMS)

gabrielviadutodocha@gmail.com

Marta Francisco de Oliveira (UFMS- PNPDP-PPGMEL/CPCX)

marta.oliveira@ufms.br

Resumo: O presente artigo tem por objetivo a averiguação dos tipos de conectivos presentes na gramática normativa, tais como conjunções e preposições, verbos transitivos e outras formas de ligação de ideias e enunciados, a fim de podermos entendê-los em sua forma significativa como unidade de sentido, e sua representação semântica nos possíveis casos frasais em que se encontrarem. Para tanto, não apenas a semântica convencional será utilizada como norma metodológica para o estudo, mas também o contexto pragmático onde cada enunciado estará inserido. Dentro dessa situação, a gramática normativa não será apenas a unidade referencial de conhecimento para tal estudo, mas a retórica, entendida como a arte de falar, e os estudos lógicos, ou da dialética, como a arte de pensar. Esse tripé apresentado e seus setores de conhecimento sustentam o estudo inicial das chamadas sete artes liberais, das quais nos interessa analisar as que estão voltadas ao estudo da língua. Desse modo, serão procurados esses fenômenos linguísticos na língua portuguesa, procurando uma melhor compreensão metalinguística através dessa vertente para o estudo de receptor e produtor da fala e da escrita, entendendo suas causas e objetivos dentro dos estudos da análise do discurso. Este trabalho, ainda em fase inicial de pesquisa, se baseará, a princípio, nos preceitos teóricos de Joseph (2008), Nougé (2015) e na lógica aristotélica, mas se expandirá à medida que as considerações e análises se desenvolvam, podendo abranger conteúdos das artes liberais e sua possível aplicação em sala de aula.

Palavras-chave: conectivos; construção de sentido; semântica; pragmática.

Semantics and pragmatics of the Portuguese language Connections and meaning: analyzing the connectives and their role in thinking, speaking and writing

Abstract: The present article has as its goal the ascertain of the kinds of connectives present in normative grammar, such as conjunctions and prepositions, transitive verbs and other forms of connection of ideas and statements, and their semantics representation in the possible phrasal cases in which they are found. To do as much, not only will the conventional semantics be used as a methodological normative for the study, but also the pragmatic context in which each statement will be inserted. In that context, normative grammar will not be just the knowledge referential unit to such study, but also the retorics, understood as the art of speaking, and the logical studies, or of dialectics, as the art of thinking. This presented tripod and their knowledge sectors sustain the initial study of the called seven liberal arts, of which it is interesting to us to analyze those that are related to the study of the language. That way those linguistic phenomenons will be looked for in the Portuguese language, seeking a better metalinguistics comprehension through this line for the study of both receptor and

producer of speaking and writing, understanding their causes and objectives within the studies of speech analysis. This work, still in its early days of research, will be based upon, at first, in the theoretical precepts of Joseph (2008), Nougé (2015) and in the aristothelic logics, but it will expand as the considerations and analysis develop themselves, may being able to include contents of the liberal arts and their possible use in the classroom.

Keywords: connectives; meaning construction; semantics; pragmatics.

INTRODUÇÃO

Ao pensarmos no estudo de linguagem sua estrutura e fundamento, em geral a reflexão conduz ao estudo da gramática, base estruturante fundamental da língua. Todavia, a gramática embora seja parte fundamental da linguagem não configura sua totalidade. A retórica e a dialética são também importantes, e junto com a gramática formam o tripé das artes liberais da linguagem. Vale lembrar que esse conjunto conhecido como Trivium é composto pelo que na educação clássica era considerado o fundamental por isso a denominação “trivial”.

Segundo Mirian Joseph, (2008) esse tripé é como uma porta de entrada para o conhecimento, pois abarca a compreensão atual da mente humana e a linguagem e tal mente é capaz de desenvolver e expressar, revelando a superioridade e satisfação da mente humana, nestes três aspectos. Todos se centram na linguagem, ou como já dito, em sua via de expressão, a palavra: para a gramática, a palavra escrita, objeto para o escritor e para o poeta; quanto à retórica, a ênfase recai sobre a palavra falada, o que interessa ao líder e ao político. Por fim, a dialética, interesse do estudioso de filosofia e do cientista, está voltado para a palavra pensada. Hoje, aliar estes três entendimentos pode ser uma opção de ensino que, de fato, possibilita aos alunos de língua portuguesa desenvolver as capacidades e habilidades almejadas ao término dos anos escolares.

Dito isso, é possível iniciarmos o estudo dos conectivos de sentido sob o viés da lógica. Sua atuação enquadra-se nas proposições, cuja construção também é conhecida como lógica proposicional. Tais proposições constroem o sentido das frases e orações, e consideramos que seu estudo se justifica exatamente para auxiliar na compreensão da estrutura da língua portuguesa.

Deste modo, trabalhar com os sentidos, analisá-los e observar seu comportamento poderá ser direcionado para o ensino mais eficaz, possibilitando aos estudantes de língua portuguesa, desde as séries do ensino fundamental que se dedicam com mais afinco a esta compreensão da língua, não apenas repetir fórmulas e decorar regras e exceções, com o contínuo – e infrutífero, na maioria das vezes – estudo de nomenclatura. Ao contrário, poderá conduzir à reflexão quanto à linguagem, e o resultado será uma relação mais criativa e consciente acerca da língua e suas possibilidades, em todos os níveis de uso.

As proposições são frases que possuem valor de verdade, de modo que podem ser classificadas como verdadeiras ou falsas. Ou seja, trabalhar com elas significa conduzir a uma análise do efeito de sentido, tanto do ponto de vista do emissor quanto do receptor, bem como das relações adjuntas na interação e na construção desses significados. Segundo Joseph (2008), podemos definir as frases como todo enunciado que contém e distingui-las entre: declarativas, interrogativas ou exclamativas.

As frases declarativas são as únicas que podem ser proposições, por serem as únicas que podem representar valor de verdade. Não é possível classificar como verdadeiras ou falsas frases como: “Faça isso!”; “Que dia é hoje?” “Não quero que você volte tarde.” etc. Do ponto de vista filosófico, o conceito de verdade pode ser expresso da seguinte forma:

“Verdadeiro significa que uma designação é efetivamente preenchida pelo estãõ de coisas, que os indicadores são efetuados, ou a boa imagem selecionada. “Verdadeiro em todos os casos” significa que o preenchimento se faz para a infinidade das imagens particulares associáveis às palavras, sem que haja necessidade de seleção. Falso significa que a designação não está preenchida, seja por uma deficiência das imagens selecionadas, seja por impossibilidade radical de produzir uma imagem associável às palavras.” (DELEUZE, 2011, p. 14)

1. ConectivosLinguísticos

Os enunciados podem ser acompanhados de outros enunciados de modo que seu sentido também se ligará. Isso é feito através dos conectivos.

Os conectivos são classes sincategoremáticas que associam palavras a outras palavras. Os conectivos incluem preposições, conjunções e a pura cópula. As palavras conectivas são análogas ao cimento, pois mantém juntas as

classes categoremáticas na unidade de pensamento expressa na frase. (JOSEPH, 2008, p.90)

A conexão linguística também é dada através de locuções e enunciados que são conectivos mais complexos a palavras conectivas.

Gramaticalmente falando, temos as preposições e as conjunções.

2. Preposição

Tanto as preposições como as conjunções são conectivos absolutos. Segundo Nougé (2015), as preposições são palavras colocadas antes da posição subordinada, ficando entre a palavra subordinada e subordinante. Exemplo: ficou 'subordinante'*em*São Paulo 'subordinada'; melhorou 'subordinante'*par*avocê 'subordinada'. Essa relação pode ser interpretada de melhor forma se analisar o sentido estabelecido entre sujeito (S) e predicado (P), que o predicado é o objetivo do sujeito S: ele 'sujeito' ficou 'subordinante'*em*São Paulo 'subordinada'.

Vale destacar que as preposições são sempre precedidas por substantivo, adjetivo, pronome, verbo e advérbio, que para o processo de aprendizagem restringe o número de casos em que podemos encontrá-las e sendo o estudo das proposições, seguindo a sequência gramatical das classes de palavras, o aluno não estaria diante de alguma classe ainda não estudada.

A função da preposição é estabelecer qual é o tipo de relacionamento entre as substâncias. Segundo um exemplo que podemos extrair do Trivium (2008): o gato pulou *sobre* o carro; andou *ao* redor do carro; esconde-se *sob* o carro. Essa relação de substâncias na prática pode ser percebida da seguinte forma: o resultado da soma de quatro limões, uma caneta e duas bicicletas é igual a quatro limões, uma caneta e duas bicicletas. Fica claro que temos nesse caso sete coisas, todavia estaríamos assim deixando de fora a natureza específica, ou gênero, de cada uma dessas coisas.

Dentro disso a relação poderia dar-se da seguinte forma: quatro limões *mais* uma caneta *mais* duas bicicletas. Anteriormente as palavras eram separadas por vírgulas, neste caso, conectados pelo advérbio *mais*. Neste caso temos o advérbio exercendo a função de conectivo, podendo ser uma preposição ou uma conjunção.

As preposições assemelham-se aos advérbios no sentido de expressar modalidade ou até mesmo circunstância, mesmo que estes o fazem de modo parcial, diferindo que sempre serão utilizados como elo de subordinação. De certa forma, o processo pode ser observado inversamente. Em orações que *onde* e *quando* aparecem, esses podem servir também como conectivos de sentido. Essa mudança de papel, morfológicamente falando, pode ser facilmente compreendida quando entendemos a questão semântica de sentido e significado. As preposições se expandem para expressar sentido interligado de orações. Mesmo tendo função de conectivo, é colocada antes da oração subordinante, o contrário do caso da ligação de palavras. Para tanto, a preposição tem de estar antes de um verbo em forma nominal.

Além de funcionar como uma palavra que sujeita a oração à qual se encontra, há outra particularidade em relação aos verbos. Quando uma preposição reje um verbo no infinitivo ela não se contrai com nada, como no caso: esta é a hora *de ele* pensar nisso. Não podemos contrair a preposição *de* com o pronome *ele* e formar *dele* nesses casos.

3. Conjunção

As conjunções são conectivos cuja função principal é a união de orações. Essa união ente orações estabelece uma relação subordinada ou coordenada. Nogueira (2015), em sua *Suma Gramatical*, não colocou a conjunção dentre as demais classes de palavras, explicando-a na parte destinada a sintaxe. Indicando que o significado das conjunções é intrínseco às orações, pois sua função é unir o sentido das mesmas. No caso de orações coordenadas que são unidas por conjunções, por exemplo, recebem o nome da função exercida pela conjunção. Por esse motivo as conjunções se enquadram mais na sintaxe que na própria morfologia, pois esta se trata do seu campo de atuação, para agir na construção de sentido em que apresente mais de uma oração. Dentro do campo da lógica, a conjunção tem a função de ligar proposições. O que caracteriza uma proposição é a afirmação entre termos relacionados: sujeito unido ao seu predicado através de uma cópula (Joseph, 2008). Todavia apesar de esta ser uma explicação simples, a relação entre proposições se dá por outros meios como mencionaremos aqui.

Mesmo se as proposições não possuírem relação de pensamento – que não estabelece sentido frasal entre as orações ligadas – como: “José pulou e caiu” quanto “José pulou e choveu”, a conjunção une em ambos os casos. As conjunções que unem proposições que não tem o mesmo pensamento são chamadas de conjunções não elaboradas. Por sua vez, as que unem proposições que tem relação lógica, como, tempo, lugar, modo, causa, comparação, etc. são chamadas conjunções materiais ou elaboradas, porque tecem uma construção semântica.

A ligação proposicional dada por meio de conjunção possui três regras simples: 1° - uma conjunção que liga proposições verdadeiras é verdadeira. De modo que ambas as proposições necessitam ser verdadeiras para a conjunção ser verdadeira. 2° - se for uma das proposições for falsa, a conjunção também será falsa. 3° uma conjunção que une uma proposição verdadeira e outra provável, a conjunção será provável. Temos esse conceito de verdadeiro e falso a partir dos conhecimentos explicados a cerca das proposições. O Trivium (2008).

É importante ressaltar que, quando duas ou mais proposições são prováveis, a conjunção tornar-se-á mais verossímil e menos provável. Por exemplo: ao dar um endereço semelhante a outro existente para receber uma determinada entrega, torna-se mais verossímil o erro do entregado se este tiver informações como cor da casa, número de janelas apontadas para a rua, ponto de referência etc. pois é pouco provável que o outro endereço semelhante possua tais características.

4. Oposição

Diferente da forma anterior de ligação, a oposição é dada com proposições que contem a mesma matéria, isto é, com o mesmo sujeito e predicado, divergindo na quantidade: total ou parcial; na qualidade: afirmativas ou negativas e na modalidade: necessárias ou modais.

O quadro das oposições é expresso na forma A E I O. Essas letras derivam das primeiras vogais de *Afirmo* e *nEgO*.

A – Universais Afirmativas: Todo carro tem roda;

- E – Particulares Afirmativas: Nenhum carro tem roda;
I – Universais Negativas: Algum carro tem roda;
O – Particulares Negativas: algum carro não tem roda.

Deste modo, inevidente que a toda afirmação corresponde a uma negação oposta, e toda a negação corresponde a uma negação. “Chamamos antífrase à oposição de uma afirmação e de uma negação.” (ARISTOTELES, 1987 p. 128)

Dentre as quatro formas de oposição, também é possível verificar quatro relações entre elas (apenas citar). “Há coisas universais e coisas particulares, e denomino universal isso cuja natureza é a de ser afirmada de vários sujeitos, e de particular que não pode tal, por exemplo, homem é um termo universal, e alias um termo singular ou particular.” (ARISTOTELES) TL TAL. p. 128

5. Educação e silogismo

A educação é um processo de obverção e conversão no qual torna explícito o que antes não era. O Trivium (2008). Ao explorar as diversas possibilidades de uma proposição, seu conteúdo ficará exposto, sem alterar o valor de verdadeiro ou falso: se a proposição for verdadeira, necessariamente a sua educação também será, e vice e versa. Já a obverção se dá ao “inverter” a proposição, alterando sua qualidade e quantidade, sem mudar seu significado. É possível haver obverção nas relações contrárias e subcontrárias, alternando-as com termos contraditórios.

Original: todo gato é um animal Obvertida: Nenhum não animal é gato.

Original: Algum livro não é bom. Obvertida: algum livro é ruim.

A Conversão é obtida em inverter sujeito e predicado; alternar a quantidade (caso for necessário), e não alterar a quantidade. Exemplo: todo humano é um ser racional – todo ser racional é um humano; Nenhum copo é uma panela – nenhuma panela é um copo; algumas portas são de madeira – algumas coisas de madeira são portas.

Quanto ao silogismo, trata-se da percepção de um termo em comum entre duas proposições: o cachorro é um mamífero – Nenhuma tartaruga é um

mamífero – O cachorro não é uma tartaruga. O Trivium (2008). Um silogismo necessita ter três termos e três proposições de forma que a conclusão seja o resultado de duas premissas, conforme mostra o exemplo.

Uma premissa é uma proposição que se relaciona com outra através de um termo em comum, mamífero, também chamado de termo médio. O termo menor de um silogismo é o sujeito e o termo maior é o predicado.

6. Conclusão

É perceptível assim que em sala de aula o estudo de das ciências da linguagem não deve ser restringido à compreensão gramatical. Este trabalho inicial mostra a importância dos conectivos linguísticos e sua atuação no uso da língua, de modo que fica claro a profundidade do assunto como um todo.

É de tal importância o estudo porque trata da construção de sentido que contenham em sua estrutura ideias que ausentes dos conectivos seriam desconexas, impossibilitando assim a construção textual. A complexidade da língua está não em averiguar funções linguísticas em casos isolados, mas identificá-los em casos de uso real para entender sua função e assim também saber utilizá-los.

Referências

JOSEPH, Miriam Raugh. **O Trivium. As artes liberais da Lógica, da Gramática e da Retórica. Entendendo a natureza e a função da linguagem** Edição brasileira, é Realizações 2008.

ARISTÓTELES. **Organon IV. Analíticos Posteriores. Tradução e nos de Pinharanda Gomes.** Edição Lisboa Guimarães Editores, LDA. 1987

NOUGUÉ, Carlos. **Suma gramatical da língua portuguesa.** Edição brasileira, é Realizações 2015.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido.** Ed. 5ª perspectiva 2011.